



# O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VI

Florianópolis, Março de 1948

N. 1

## UM CENTENÁRIO E NÓS

No dia 27 de Setembro completar-se-ão duzentos anos desde a publicação da Bula Áurea. Este documento pontifício com que o Papa Bento XIV distinguiu a Congregação Mariana, é nossa Magna Carta.

Diz o Sumo Pontífice que a C. M. não deve contentar-se em promover de algum modo a prática da virtude, mas ensinar a seus membros a "esforçar-se por alcançar, sob a disciplina da Mãe do Belo Amor, do temor de Deus e da inteligência, o cume mais alto da perfeição cristã e a vida eterna". Os congregados devem adquirir profunda devoção e amor a Maria, capacitando-se assim de "subir aos degraus mais elevados do amor divino".

Não se apregoa uma devoção sentimental e, muito menos, meras exterioridades.

O que se requer é sério e sincero esforço na santificação própria, imitando Aquela que se chamou a "Escrava do Senhor" e implorando-lhe o auxílio para o feliz êxito de tarefa tão árdua.

Esta imitação de Maria inclui também — e necessariamente — o interesse pela salvação do próximo. A C. M. não é uma irmandade piedosa. É uma tropa activa.

Santificação e actividade exigem formação.

O Secretariado Central das CC. MM., em Roma, sugere como melhor meio de celebrar o Segundo Centenário da Bula Áurea condignamente, que todos os congregados façam sua a divisa:

**"Completa e perfeita formação pessoal do Congregado".**

Para a realização de tão nobre ideal, "O Mariano" também este ano quer contribuir. Por este motivo continuará a publicação da lição mensal para a formação do carácter, "O Construtor". Tratará de aprofundar o conhecimento da C. M. pela breve exposição das Regras da C. M. Traçará leves esboços de congregados distintos. Outras colunas querem despertar o interesse pela causa de Cristo.

"O Mariano" não quer ser lido somente, quer ser vivido.

Numa época em que a quasi totalidade do género humano procura apenas o máximo de bens da terra por meio de um mínimo de esforço pessoal, torna-se indispensável a abnegada e desinteressada actividade do congregado, actividade incessante na santificação própria, actividade indefessa em prol do próximo e da Igreja.

## O CONSTRUTOR

**Virtude:** Santificação própria.

**Defeito oposto:** Indiferença nas cousas espirituais.

**O Construtor:** "Virgem Maria, mãe de Jesús, fazei-nos santos". (300 dias de indulgência).

**O Ajudante:** "Coração Eucarístico de Jesús, aumentai em nós a fé, a esperança e a caridade". (300 dias).

**Método:** Começa o dia com o propósito de fazer progresso no aperfeiçoamento de tua alma, repetindo cinco vezes as jaculatórias acima; diz êstes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

**Construindo:** Há os santos extraordinários cuja maravilhosa vida de abnegação heróica e de virtude consumada admiramos, mas que não podemos imitar. Mas, há uma vasta multidão de almas santas de todas as nações, raças e línguas, no céu hoje fruindo a recompensa de seus esforços de viver uma vida verdadeiramente cristã, enquanto estavam na terra. Cada pensamento, palavra e ação foi uma cousa importante, pois foi feita por Cristo. Se tu trabalhares para Cristo, Ele faz teu trabalho ser o d'Ele e enriquece tuas ações mais insignificantes com o valor infinito de Seus próprios pensamentos e actos. Pela graça santificante tornamo-nos filhos de Deus e participantes de Sua natureza divina. Cultivamos o andar e viver na presença de Deus elevando, frequentemente, a Ele os nossos corações por meio das aspirações. O Construtor, como oração, recorre à Mãe do Salvador afim de alcançar a graça de ficar fiel às nossas promessas batismais. Com cada aspiração repetida aprofunda-se o espírito de lealdade, pois a jaculatória é a expressão de nosso desejo sincero de emular os santos no seu amor e serviço de Jesús Cristo, seu Rei. — Todo aumento de fé, esperança e caridade aperfeiçoa a imagem de Cristo que vive na alma. Mas o Ajudante, como súplica, pleiteia êste acréscimo, e, como acto de virtude, performa actos positivos de fé, esperança e caridade, actos êstes essenciais na formação do carácter cristão.

**Na Defensiva:** O pecado grave é veneno mortal para a alma. A atitude rebelde contra Deus destrói todo o vestígio de união com nosso divino Senhor, de submissão a Ele, de amor a Ele. Com horror, as almas santas recuam diante d'Ele e se refugiam no Sagrado Coração de Jesús e à Mãe d'Ele, procurando protecção. O valor impetratório de nossas aspirações forma a primei-

## MARIANOS CÉLEBRES

### II. Alexandre Volta.

Na cidade italiana de Como, recebeu Dom Filippo Volta, no dia 18 de Fevereiro de 1745, um grande tesouro. Dom Filippo pertencia à nobreza, mas era muito pobre. Seu filho havia de contar, mais tarde: "Meu pai não possuía nada senão uma pequena casa no valor de 14.000 libras e deixou, ao morrer, uma dívida de 17.000 libras. Eu era, portanto, pobre a não mais poder".

Contudo, a alegria de Dom Filippo foi imensa ao receber o seu tesouro. Êste tesouro foi seu filho Alexandre que acabava de nascer naquele dia. E, se o feliz pai pudesse prever o futuro d'êste filho, sua alegria teria sido maior ainda. Alexandre tornar-se-ia um dos homens mais afamados de seu tempo e, hoje ainda, a inicial de seu nome, "V" significando "volt", é escrito e lida vezes sem conta.

Tal celebridade, já se advinha, não é resultado de poder financeiro. Pois nem cadernos tinha Alexandre para fazer seus primeiros exercícios de caligrafia. Nem foi tal celebridade o fruto só da inteligência que por sinal foi descomunal. Nem bastava para tanto sua operosidade incessante. Tudo isto era amparado e fecundado e abençoado por uma profunda cultura mariana.

Com o auxílio de dois irmãos de Dom Filippo, um dêles cônego, o outro arceidiogo da cathedral, Alexandre pôde frequentar o colégio dos jesuitas que aí mostravam uma verdadeira predileção por estudantes pobres.

Em 1757 ou 1759 alistou-se nas fileiras marianas. O treinamento recebido na Congregação Mariana marcou-lhe o passo não somente no aperfeiçoamento nas virtudes cristãs, mas no seu avanço na estrada

ra linha de defesa, fortificada pela graça de Deus, que é resposta às orações; como acto de virtude, repele cada tentação com actos positivos de fé, esperança e caridade.

**Na Ofensiva:** O olhar de Deus que tudo vê, acompanha-nos sempre e em toda parte. Ele vê os nossos pensamentos e desejos mais ocultos. Frequentes grupos de aspirações, ditas em qualquer circunstância, tornam-nos cônscios da presença perpétua de nosso Juiz — motivo poderoso para a nossa santificação própria. Unindo nossas aspirações com as lágrimas e sofrimentos de Maria debaixo da cruz, satisfazemos por nossos pecados pessoais, enquanto as indulgências, anexas a elas, cancelam as penas temporais devidas às nossas faltas.

Charles A. Imbs, S. J.

da glória e mesmo para o sucesso na vida material.

Vejamos resumidamente a sua jornada científica; pois não é aqui o lugar para apreciar detalhadamente os seus trabalhos de cientista.

Em 1760, teve que transferir-se para o seminário de Benzi, onde concluiu o curso de filosofia. Com o último dia de aula em Benzi acabou-se para Alexandre a vida escolar. Mas não acabaram-se os estudos. Ainda como professor de Universidade, costumava sentar-se entre os estudantes das várias faculdades que teve ocasião de visitar. Não admira pois que o homem conhecido como um dos maiores físicos tivesse conhecimentos variadíssimos que êle aproveitava ao serviço de seu profundo amor ao próximo. Baste, por ora, mencionar seus empenhos em transplantar, para sua terra natal, o cultivo da batata para alívio dos pobres daquela região. Foi êle também um dos primeiros que fez experiências para aproveitar os gases dos pântanos.

Entretanto, fica cerdade que seus trabalhos principais tiveram por fim a exploração da electricidade. E são as suas descobertas nesse terreno que lhe asseguram um nome imortal.

São várias as suas invenções neste ramo da ciência.

Em 1774, foi nomeado reitor do ginásio de Como, e em 1778 quis a Universidade de Pavia tê-lo como professor, pois com a invenção do electróforo e do electroscópio tinha fundado a teoria da electricidade. Agora seguiam-se as invenções umas às outras. Foram a pistola electrica, o eudiómetro e a lâmpada de ar inflamável. Em 1782, inventou o condensador e começou a intedessar-se pelas experiências de Galvani. Repetindo essas experiências, Alexandre Volta descobriu que Galvani interpretava de modo errado os factos. Este descobrimento levou o grande físico a seu invento mais importante, a coluna voltaica, também chamada pilha voltaica, a primeira fonte de uma corrente eléctrica permanente.

Este invento trouxe ao cientista, além de uma pensão vitalícia por parte de Napoleão I<sup>o</sup> e uma gratificação em dinheiro, uma verdadeira chuva de honrarias. Napoleão em pessoa assistiu às conferências de Volta no Institut de France, em Paris, que lhe conferiu a medalha de ouro de distincção. A Real Sociedade de Londres da qual Alexandre era membro, distinguiu-o com a medalha áurea de Copley. Napoleão fê-lo conde e senador do reino da Itália. Mais tarde, o imperador da Áustria, Francisco, nomeou-o diretor da fa-

culdade de filosofia da Universidade de Pádua.

Mencionemos ainda de passagem um facto pouco conhecido; em 1867, apresentou o célebre historiador italiano Césare Cantú (na famosa Exposição Mundial de Paris) uma copia fotografica de uma carta de Volta da qual resulta de ver-se attribuir ao inventor da pila voltaica também a ideia do telegrafo eléctrico.

Apesar de todas estas vantagens materiais, apesar de tantas honras e distinções, Alexandre Volta permaneceu sempre o humilde filho daquela que se intitulava a "Escrava do Senhor".

Entre os anos de 1777 e 1782 fez várias viagens de estudos para a Suíça, Alemanha, Holanda, Inglaterra e França. (Falava as linguas de todos estes países. Em algumas delas, como na sua vernacula, escrevia poesias de valor literário). Ora, quando chegou, na primeira viagem, a Lucerna, não pôde resistir à tentação de fazer uma visita à sua Mãe celeste no seu santuário de Einsiedeln (N. Sra. dos Eremitas). Este traço era absolutamente natural para Alexandre, tanto como a Missa dominical, que não deixou de ouvir mesmo no primeiro domingo, em Paris, tendo chegado àquella cidade, depois de uma viagem bem fatigante, em horas tardias do sábado precedente. Costumava, aliás assistir à santa Missa todos os dias, seja estando em Como ou Pavia ou em qualquer outro lugar. Também não deixou passar um só dia sem rezar o seu terço.

Enquanto se achava em Paris dividia seu tempo entre as visitas a cientistas e sábios e a frequência às preleções na Universidade; ou inspecionava fábricas interessando-se não somente pelos métodos técnicos, mas ainda pelas condições de vida dos operários.

Alexandre tinha-se casado com 49 anos, depois de uma vida em que nenhuma mulher tivera lugar em seus pensamentos. Ora, em Paris aproximou-se-lhe o tentador. Mas o congregado nem um momento sequer teve dúvida a respeito de seu dever.

Se Alexandre levou a sério os seus deveres de congregado, não o devemos julgar unicamente pelos seus esforços na santificação própria. Melhor prova ainda é seu interesse pela salvação do próximo. É verdade, toda sua vida era um exemplo vivo da vida católica. Mas ele gostava de misturar-se com o povo simples nas procissões, visitava frequentemente as casas dos camponeses, ensinava-lhes como evitar doenças por meio da limpeza e de uma vida regrada e não desdenhava tomar parte nas suas refeições frugais. Aos domingos de tarde, podia o célebre físico ser visto, na igreja paroquial de San Donnino, empenhado na explicação do catecismo.

Sua fé penetrava toda a sua vida. Por isto não se pode imaginar uma vida mais harmoniosa do que a da familia de Volta. Não lhe faltavam as provocações. A morte da extremada esposa e do dileto filho Flaminio foram golpes rudes para o coração sensível de Alexandre.

Também ele começou a sentir os efeitos de uma vida laboriosa. Já

## LIVROS

*Los Pilotos También Rezan*, por Tom Harmon; Editora Difusion S. A., Buenos Aires, (1947). Este livro é a versão castelhana da famosa obra americana "Pilots Also Pray" gresso para os Estados Unidos, de O autor conta a sua vida até o repoiç de ter saltado de seu avião em chamas. Vemos um gurizinho, filho de uma boa familia irlandesa, enraizada no país de Jorge Washington, manifestar seus dotes desportivos e bélicos desde a sua primeira infância. Tem que conquistar um lugar no clube de futebol, toma parte em verdadeiras batalhas nas ruas. Mas, por pequeno que seja, já criou um pouco de juizo. Isto pelo menos julgava ter acontecido sua mãe, quando o menino, por conta própria foi explorar o interior da igreja, deixando o cachorro, companheiro inseparável, na porta do templo. Seguiam-se os anos de estudo universitário com os triunfos desportivos. A convocação para as armas desfez os planos para o exercicio de sua profissão. Passou pelo rude e eficiente treinamento das várias escolas de aviação. Afinal está pronto e com tenente devia levar seu B-24 para a Africa. Mas o avião sinistrou no norte da América do Sul. Harmon salvou-se como por milagre no seu paraquedas, para encontrar o corpo carbonizado de um sargento dentro do avião em chamas e o braço decepado de um outro sargento. Quando o avião despejou para todos os lados as balas de suas metralhadoras, que a não de exausto de fome e fadigo, Harmon errava sózinho e abandonado pelas matas cerradas sul-americanas, perseguido por enxames de mosquitos, rezava a Deus e a Nossa Senhora, porque assim estava acostumado desde pequeno. No poder da oração confiava. Por isto nem duvidava um instante que havia de voltar ao aconchego de seu lar paterno. Confiava durante a travessia do Atlântico para Décar, em avião de transporte. Confiava durante a longa e perigosa viagem da Africa para a China, em avião de caça, um P-38, pilotado por ele mesmo. Confiava na eficácia da oração durante as vicissitudes da guerra aérea contra os "Zéros" japoneses. Confiava ainda quando se lançou, de paraquedas, de seu P-38 em chamas e dois aviadores japoneses davam voltas ao redor dele para tirar-lhe a vida. E não se enganara: voltou, são e salvo, aos seus. O livro é uma leitura refrescante. Os muitos episódios são humanos, o humor cordial, a modéstia verdadeiramente cristã com que o autor fala de si mesmo, a camaradagem entre os militares e, antes de tudo,

em Lião (França) fora atacado por uma doença do peito. Em fins de fevereiro de 1827, teve que recolher-se em consequência de uma febre reumática. Na tarde do dia 4 de março mandou chamar o padre que o confortou com o s. Viático. Piorando durante a noite, veio o sacerdote mais uma vez, administrando-lhe a Extrema Unção. O dia 5 de março de 1827 marcou o fim da vida do grande congregado.

## ESCOLA DE GUERRA (XXI)

41. "Procurem com o máximo empenho assistir a seus tempos, às reuniões gerais da Congregação, tanto ordinárias, como extraordinárias. (1). A presença pode notar-se de vários modos, segundo o costume de cada Congregação. O mais recomendado é o uso de cédulas, que cada um entregará com o seu nome escrito ao que está encarregado de as receber. (2) O congregado que não puder assistir a alguma reunião deve, o mais depressa possível, participar por palavra ou por escrito a causa de sua ausência ao Padre Diretor. (3) que verá se ela é aceitável ou não". (4).

*Comentários:* (1) É o mínimo que se pode esperar de um congregado. Quando alguém começa a procurar pretextos para se dispensar da frequência das reuniões, já deu o primeiro passo para abandonar a C. M. Os compromissos para com a C. M. devem ocupar o primeiro lugar. Pois não há nada mais importante do que a salvação e santificação da alma. E neste negócio de tamanha importância, a C. M. oferece os melhores meios. O índice da frequência de uma C. M. qualifica tanto a esta como a seus membros. (2) A fiscalização é necessária. Encontramo-la no exército, nas repartições públicas, nas fábricas e nas casas de comércio, em toda a parte. A fraqueza humana é por demais conhecida. (3) Nesta justificação espontânea há um sinal de boa educação e de interesse real pela C. M. Ao mesmo tempo, tal atitude limitará os casos de ausência aos que são mesmo inevitáveis. (4) É, portanto, reservada ao P. Diretor a decisão sobre o valor da causa que motivou a ausência. Daí também sua obrigação de admoestar os faltosos e de excluí-los da C. M., caso forem incorrigíveis.

esta piedade tão natural deixam uma impressão duradoura no leitor. — Sec.: C.

\*  
\* \*

*As Quatro Penas*, por A. E. W. Mason; Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1947. Apesar das muitas aventuras por que passa o herói, este livro não é um romance de aventuras no sentido corriqueiro. É muito mais. É, em primeiro lugar, um interessante estudo psicológico. Pois todo o enredo é a consequência da formação errada da alma do jovem Harry Feversham. As circunstâncias, entretanto, obrigam-no a reagir contra seu defeito, a corrigi-lo. E Harry consegue isto. Também os outros personagens, Ethne, a noiva de Harry, o coronel Durance e o tenente Sutch, para citar os principais, são bem desenhados. Formam um quadro vivo da abnegação e da amizade verdadeira. Ao lado destes estudos, há muita ação, há lutas e dificuldades a serem vencidas. "As Quatro Penas" é um dos livros que prende desde o principio ao fim, sem recorrer ao tão barato sentimentalismo romanesco ou às extravagâncias fantásticas que tantas vezes desvirtuam os romances de aventuras. — Sec.: A.

## CANTINHO LITURGICO

Tendo recitado o intróito, o sacerdote dirige-se para o meio do altar, e lá, diante da imagem do crucifixo, reza, alternadamente com o ajudante, o "Kyrie". (Na missa solene, o celebrante reza esta oração logo depois do intróito, sem sair do lugar).

O "Kyrie" compõe-se das três invocações: "Kyrie eléison, Christe eléison, Kyrie eléison", sendo cada uma delas dita três vezes.

Esta oração é a única parte que, na santa Missa, se pronuncia em lingua grega.

Já nos primeiros séculos, costumavam os cristões fazer uso frequente desta súplica que aprenderam no idioma mais falado no império romano, o grego vulgar também chamado "koiné".

Muito apropriadamente é recitado o "Kyrie" logo no inicio da Santa Missa, significando as três invocações "Senhor, tende piedade", e "Cristo, tende piedade", respectivamente.

O primeiro grupo dirige-se a Deus Padre, o segundo a Deus Filho e o terceiro a Deus Espírito Santo. Na repetição triplice de cada invocação vê-se uma invocação virtual também das outras duas pessoas da Ss. Trindade, pois que Pai e Filho e Espírito Santo são um só Deus.

O "Kyrie" lembra ao homem sua miséria e fraqueza, sua dependência do Criador e Senhor. Lembra-lhe também o poder e a bondade infinita de Deus. Por isto, em união com o sacerdote, o cristão, cheio de confiança, implora humildemente a clemência de Deus trino e uno, justamente quando o Filho de Deus se apronta para renovar, de um modo inerente, o tremendo Sacrificio da Cruz.

## E' BOM SABER...

— No jornal "The Nation", de New York, um certo Paul Blanshard, escreveu três artigos, criticando a doutrina da Igreja Católica em matéria de medicina, divórcio e limitação de nascimentos. O P. Harold C. Gardiner, S. J., no semanário "América", respondeu, "botando" os pontos nos ii. Em Newark, N. J., o superintendente das escolas, Dr. John S. Herron, proibiu "The Nation", para todos os ginásios de sua jurisdição, junto com a revista "Soviet Russia Today". E a editora de "The Nation", Freda Kirchwey, bradou: "Uma séria ofensa contra a liberdade da palavra".

— Afirma o Dr. Leonard Huskins, professor da Universidade de Wisconsin, que, apesar do que dizem os livros de aula, todas as células de uma determinada planta ou animal não contêm o mesmo número de cromosomas. Outras descobertas com referência à divisão das células talvez abram um caminho para melhor compreensão e possível cura do cancer. (Newsweek — New York).

# CRISTO OU BARRABÁS?

## PHILO, O SECRETÁRIO DE PÔNCIO PILATOS, CONTA AOS SEUS NETOS A HISTÓRIA DE UMA ESCOLHA PERPÉTUA-MENTE REPETIDA

Esta é, meus filhos, a mais importante história que sei.

Ela pertence aos dias de minha juventude. Ela se tem repetido mil vezes cada dia de minha vida.

A história começa com Pilatos e sua encantadora esposa, Prócula.

Foram um casal notável, amando-se profundamente. Considerando as alterações que enchiam os breves matrimônios costumeiros de seu ambiente romano, eu achava a afeição daquele par, deliciosa e confortante. Assim, já que o vosso avô era então um escravo, eu estimava como sorte muito feliz o ser comprado para servir como secretário social a um casal tão simpático e cheio de encantos.

Sabeis, naturalmente, que, quando Prócula se batizou, ela deu-me a liberdade. De Pilatos ouvistes muitas vezes...

Pônncio Pilatos comprou-me diretamente de meus donos que me tinham bem adestrado para minha profissão vitalícia. Apresentou-me a Prócula, mencionando, meio jocoso, o preço exorbitante que tinha pago por mim. Mas, quando ele nos deixou, Prócula deu-me minhas instruções naquela voz calma e musical, toda dela.

"Naturalmente", explicou, "Sua Excelência terá seu corpo oficial de secretários. Roma manda seus governadores bem providos para os seus postos. Teu ofício é antes pessoal. Servirás a meu marido e a mim mesma. Disseram-me que a etiqueta de Jerusalém é muito complicada. Por acaso jamais viveste em Jerusalém?"

Pesaroso confessei que nunca tinha estado lá. Mas do outro lado, meu professor de filosofia moral, um velho gênio que chamávamos de Diógenes, esperando que acabaria entre nós, alunos seus, um homem honesto, tinha uma grande preferência pelo pensamento judeu.

"Acreditava em um só Deus", expliquei. "A ele parecia a existência de muitos deuses quase tão absurda como a negação de Deus. Por isto, falava com reverência da religião judaica e, em imaginação, muitas vezes, nos levou pelas ruas de Jerusalém, ao Templo. Tenho a impressão de conhecer bem esta cidade".

"Muito bem", comentou ela. "Acho que eu também acredito em um só Deus. Pelo menos, quando uma vez chegarmos ao Templo... Mas isto não faz parte de teus afazeres. Como estava explicando, meu marido e eu partilharemos teus serviços, Philo, como" — ela sorriu com aquela doce majestade, toda dela — "costumamos partilhar todas as coisas boas que o céu nos manda".

Deste modo, gostei do meu trabalho, quando chegamos a Jerusalém.

Meti-me a aprender os costumes dos judeus, de modo que Pilatos, que tinha um jeito especial de refletir muito tempo depois de ter

agido, não colidisse demais com astradições e os preconceitos de um povo difícil. Geralmente dizia primeiro a D. Prócula o que julgava importante; e ela — bem o natava — tocou com um dedo delicado, indicando a direção certa, o braço musculoso de seu impulsivo e honesto, mas fogoso e ambicioso marido.

Já que os negócios e a vida social de um governador romano necessariamente se devem entretecer, minha posição como secretário social trouxe-me bem perto daquele incidente que afetou minha vida como nenhum outro.

Não, meus filhos; não vi Jesus morrer.

Devia ter pedido licença para acompanhar o destacamento de execução até o morro perto da cidade, onde eles o crucificaram; mas era meu dever ficar perto de Prócula e de seu perturbado esposo. Depois que o grupo tinha deixado o pátio do tribunal, em direção ao Calvário, eu fiquei no meu pequeno escritório (comunicava com o de Pilatos), onde facilmente poderia ser chamado por meio do cordão de campainha que vinha do apartamento de Prócula.

Durante toda esta longa, vagarosa, quente e tempestuosa tarde, o relampejar fustigava qual um açoite ensanguentado as torres do Templo. O bradar da ralé fundiu-se com o estampido dos trovões e o terremoto. Eu estava sentado no meu escritório, esperando ordens; poucas chegaram.

Em vez delas, ouvia os passos do governador no gabinete dele, indo e vindo como uma sentinela. Era ele um guarda, com ninguém já a ser guardado.

Ocasionalmente, Prócula puxava a corda da campainha. Eu respondia imediatamente.

Tudo quanto ela queria saber, era se Pilatos tinha perguntado por ela, se tinha recebido a alguém, que impressão ele fazia, se tinham chegado notícias da execução.

Pude dar apenas respostas vagas. Os soldados receberam ordens de ficarem com Jesus até que estivesse morto. Então, porque o encargo fôra coisa desagradável, eles tiveram a noite livre.

O capitão Longinus finalmente voltou para apresentar seu relatório.

Um dos secretários oficiais recebeu-o e anunciou-o, abriu-lhe a porta para o gabinete de Pilatos. E ainda no curto momento entre o abrir e fechar aquela porta, ouvi a Pilatos berrar para ele: "Se o homem já está morto, ele é um impostor — como diziam".

O capitão Longinus, respondeu numa voz estranha, abafada, quase que assustada: "Impostor, senhor?! Ora, este homem era realmente o Filho de Deus".

"Bobagem!" vociferou Pilatos.

E a porta fechou-se atrás deles.

Mais tarde voltaram os Sumos Pontífices. No seu modo arrogante exigiam que Pilatos mais uma vez saísse do palácio para falar com eles. Chegaram ao cúmulo da loucura de imaginar que até depois do que fizeram naquele dia,

alguma coisa ainda os poderia contaminar.

Prócula assomou na sua sacada e escutou-os expondo seu pedido: desta vez, uma guarda para impedir que o "impostor" ressurgisse do túmulo. Mas eu notei que ela não observava os sacerdotes; seu amor meditabundo se polarizava no esposo.

Um guarda para o impostor! O antigo instinto filosófico que meu professor de lógica nutria em minha mente, pôs-se a brincar com um dilema delicioso...

Se o homem está morto e foi uma mistificação — assim correu o dilema que se formava em minha mente — uma guarda significa um esforço inútil. Se o homem está morto e é mesmo tudo quanto afirmava ele ser, será mesmo imaginável que um punhado de soldados irão retê-lo no túmulo?

Pilatos, entretanto, deu-lhes o esquadrão que pediram — mas com ares de insultá-los. Então, — embora Prócula se inclinasse para a frente para atrair a atenção dele — com passos pesados dirigiu-se para seu gabinete, mandou o camareiro buscar um jarro de vinho especial (do vinho que costumava beber não porque fosse agradável, mas porque era forte), e correu o ferriho na porta. Ainda que eu esperasse até a meia noite, dormitando sobre a minha escrevaninha, ele não fez nenhuma tentativa de se comunicar comigo ou, por meu meio, com sua esposa da qual fugira o sono.

Esta foi a primeira fenda a abrir-se entre ambos. Ela nunca se devaiera com ele; nem rompeu agora. Mesmo durante a sua posterior desgraça, ela o seguiu contra o desejo dele. Mas era como se, naquele dia, tivessem começado a trilhar dois caminhos diferentes. Chegaram a uma bifurcação — deveria dizer, a uma encruzilhada? Seguiram seus caminhos individuais.

Estranho! Que para todo homem — e mulher também, naturalmente, — venha um momento em que aquele ou essa deva escolher decididamente entre sendas divergentes. Embora devesse lealdade a ambos, minha escolha se definiu seguindo a estrada de Prócula.

Mesmo assim, naquele dia, quase podia eu vê-los afastarem-se um do outro. O mais terrível foi que Pilatos mesmo tinha aberto a bifurcação da estrada com um gesto, com o que julgava um golpe de gênio.

Isto, portanto, foi o grande episódio de minha vida, meus filhos. Para cada um, vem uma vez a escolha decisiva. Cem vezes diariamente, repete-se, esta escolha.

Mas voltemos ao tempo em que, concretamente, na pessoa de três homens, vi a escolha posta diante de uma era, de uma nação, de um mundo, talvez.

Na véspera daquele dia tão cheio de acontecimentos, Pilatos convidou-me a jantar com ele e com Prócula. Foi naturalmente bondade e honra. Mesmo assim, sabia eu que fora convidado por causa de meia dúzia de perguntas

com que me ia bombardear, perguntas sobre costumes locais e preconceitos em voga, sobre as pessoas de efêmera importância, sobre os poderosos que dominam uma curta geração. Além disso, durante um jantar como este, ele era capaz de emitir uma dúzia de ordens das quais teria que tomar nota em minha taboleta. Mas gostava de jantar com eles. Mesmo um escravo não podia esquecer que era homem.

Pilatos chegou à mesa, naquela noite, excitado como um céu equinocial. Prócula beijou-o na face, como sempre fazia, forçou-o para o confortável divã, bateu palmas para chamar a criadagem e então tentou apaziguar a disposição selvagem do governador. Mas ele não quis saber de histórias.

"Não gosto de todo este negócio", gritou, afastando de si o pastel de pomba que sempre devorava com especial deleite.

"O negócio", perguntou Prócula, fazendo eco ao marido, como boas esposas o deveriam fazer.

"Os sacerdotes pediram uma companhia para reforçar a guarda do templo. Naturalmente tive que fazer-lhes a vontade"...

"Por que?" perguntou Prócula, usando esta partícula provocadora que tantas vezes ponteou nos fracos da lógica de marido.

"Por que? Grandes deuses, mulher! É a grande festa deles, a..." Hesitou, olhando para mim, esperando que dissesse o nome.

"... Páscoa", ajudei.

"Páscoa", repetiu ele. "E cada judeu neste país desgraçado começa a farejar liberdade e gritar por ela. Têm uma espécie de ceia hoje de noite para comemorar... ah..."

"... sua saída do Egito", sugerí.

"Egito ou Roma, em que consiste a diferença para eles? O que eles querem é a libertação. Cada segundo homem que, hoje de noite, passa pelas ruas, julga-se um libertador divinamente apontado, enviado para esmagar os romanos e exaltar os filhos de Davi. Buscaram das adegas suas espadas escondidas e farão bulha por qualquer motivo ou mesmo sem motivo algum. Ora, teríamos reforçado as patrulhas numa noite como esta, mesmo sem Ele"...

"Ele?" perguntou Prócula.

Foi uma pergunta absolutamente supérflua, pois eu estava ao lado dela na sacada quando, no domingo precedente, ele fez Sua entrada triunfal na cidade. Sabia como ela se impressionara, menos com o que Ele fazia do que com o que Ele não fazia; menos com o entusiasmo louco do povo do que com Sua calma no meio de tudo.

Mesmo então Pilatos estivera com vontade de O prender. Mas Prócula aconselhara calmamente a deixar esmorecer o entusiasmo. O tempo diria se o homem era ou não era simplesmente igual a uma dúzia de outros que já tinham visto antes d'Ele. Além do mais, justamente quando a massa estava no auge do entusiasmo por Ele...

(Continúa)

Nota. — Começamos, neste número a publicação de uma história da vida colegial. Os acontecimentos narrados desenrolam-se num colégio da Irlanda. Para compreender a narrativa deve-se ter presente a circunstância que naquele colégio — como, aliás, na maioria dos de língua inglesa — muitas das obrigações que, entre nós, estão a cargo de prefeitos, aí são confiadas aos próprios alunos que são chamados "capitães". O chefe de uma divisão, geralmente bastante numerosa, é sempre um sacerdote e suas atribuições correspondem mais ou menos às de nosso Prefeito Geral.

\*

A eleição dos Capitães, no Colégio S. Xavier, era regulada por muito poucas regras, mas estas eram bem definidas. Os veteranos, i. é, os alunos que pelo menos um ano de internato tinham, reuniam-se no terceiro dia do primeiro trimestre, ao meio dia, e procediam devidamente à nomeação e eleição de um de sua própria divisão para ser o Capitão da Casa, Capitão-Chefe, e Capitão de futebol e "hurling" (uma espécie de baseball), tudo numa pessoa só.

Naquela determinada ocasião, um rapaz muito observador teria notado que havia um vestígio de inquietação na maneira do P. Daniel, quando convidou para serem nomeados os candidatos. Sentou-se no meio de um silêncio mortal. O silêncio durou um estranhamente longo segundo. Então levantou-se Brendan O'Reilly.

"Quero propor Desmond Maher, Padre".

As negras sobranceiras de P. Daniel contrairam-se um quase nada. "Sinto muito, Brendan", disse, "Não posso permitir que Desmond Maher seja proposto. Ainda não voltou das férias" — pausa — "e o P. Reitor não deseja que nossa regra contra uma eleição "in absentia" seja desrespeitada. Desmond conhece esta regra; e, que eu saiba, não justificou sua ausência".

O P. Daniel abanou a cabeça, e Brendan sentou-se muito enfunchado. Tinha ganas de protestar contra uma pequena e estúpida regra que impedia que se elege-se o melhor camarada do S. Xavier. Mas, de qualquer geito, o P. Daniel parecia ter tornado impossível tal protesto.

Houve uma outra pausa, como se os rapazes esperassem que Brendan achasse sua língua.

Afinal levantou-se um aluno alto e muito ruivo, de nome Mat M'Donnell.

"Proponho Frank M'Carthy, Padre".

No mesmo instante, Frank M'Carthy, corando um pouco, foi secundado, no meio de uma salva de palmas mais vigorosa do que universal. O P. Daniel abanou a cabeça mais uma vez e esperou. Outra pausa, desta vez, como se os rapazes esperassem que Frank tomasse a atitude cavalheiresca de propor seu rival. Se foi isto, esperaram em vão, pois foi Dermot Milligan, moreno, franzino e apenas aluno de um dos anos inferiores, que se levantou afinal e propôs seu melhor amigo, Brendan. Cinco ou seis rapazes levantaram-

# O CAPITÃO

POR MATHIAS BODKIN, S. J.

(Tradução)

se simultaneamente, olharam-se e sentaram-se de novo. "Apoiado", disse o P. Daniel. Ninguém mais foi indicado, e assim, a eleição foi um negócio simples. Ainda um último olhar. "Empreste-me aquele lapis", — "Passe cá a caneta"... e depois de dois minutos no máximo, os alunos saíram, deixando um montãozinho de cédulas na mesa diante de P. Daniel.

Lá fora esperavam eles em grupo impacientes, enquanto o P. Daniel, com Mat M'Donnell e Dermot Milligan como contadores, fazia a apuração dos votos. Depois de três minutos, o Chefe da Divisão estava na porta aberta. Sua voz alegre fez-se ouvir ao longo do comprido corredor.

"Brendan O'Reilly foi eleito 1º Capitão e Frank M'Carthy 2º Capitão. Minhas congratulações para os dois e para todos vocês".

Outra vez uma pausa um nada longa demais. Então uma aclamação, e Brendan viu-se vítima de umas excessivamente cordiais batidas nas costas. Mais um minuto, e o silêncio restabeleceu-se, e o P. Daniel resumiu:

"Desmond Maher será o 3º Prefeito" (estrondoso aplauso), "Martin Moore será o 4º, Willie Dane o 5º, como Secretário funcionará Dermot Milligan".

E agora, como para provar sua habilidade de governar sua grande divisão, o P. Daniel meteu-se a afixar na tabela uma limpa, dactilografada lista com os resultados da eleição que tinham sido apurados apenas um ou dois minutos antes. Isto foi bem P. Daniel, popularmente conhecido como "O Profeta", ou, mais familiarmente ainda, como "O Leão". Vinte minutos depois verificou que o último de seus alunos estava na aula e foi bater à porta de seu superior.

"E então?" perguntou êste e sorriu, vendo o gesto de alívio de P. Daniel.

"Sairá tudo bem, Padre, penso eu," disse o Chefe de Divisão, "mas o sr. fez uma coisa muito arriscada vetando a Maher. Aquele infeliz camarada M'Donnell propôs M'Carthy que pegou 19 votos contra os 21 de Brendan O'Reilly. Havia cento e sete eleitores, e somente sessenta e sete votos inválidos, todos eles em favor de um rapaz que nem tinha sido proposto propriamente. Naturalmente, depois disto, eu o pus como 3º Prefeito".

"Ah!" disse o Reitor, "sinto muito, naturalmente, que isto tenha acontecido. Eu mesmo teria dado a Maher o meu voto, posso afirmá-lo, mas devemos acabar de uma vez para sempre com êste chegar tarde das férias. Suponho que o sr. entende melhor êste negócio de Prefeitos, mas não vejo como posso mandar para casa alunos que chegarem tarde aqui, quando premeio um ofensor conspícuo", e sorriu para o P. Daniel. Êste conservou um discreto silêncio, e o Reitor continuou: "Recebi agora

mesmo um telegrama de seu amigo. Êle chegará esta noite; diz que chegou a Dun Loaghair sòmente esta manhã; de fato parece que não foi inteiramente falta dêle, os passaportes foram retardados ou qualquer coisa semelhante".

"Malditos Ministérios dos Estrangeiros e oficiais de passaportes!" murmurou o P. Daniel com seus botões, quando, cinco minutos mais tarde, saiu do gabinete do Reitor. "Pensar que um funcionário estúpido e seu burocratismo custaram a S. Xavier o melhor Capitão que poderia ter tido em muitos anos".

\*  
\* \*

Desmond Maher passara seis anos no Colégio S. Xavier, e durante todo êste tempo sempre sonhara com o posto de Capitão da Casa. No princípio, era simplesmente louca imaginação aquele bastão de marechal que antecipadamente pertencia ao popular e atlético mocinho. Depois tornou-se uma esperança, uma probabilidade, uma quase certeza. O ano passado, fazendo parte de todos os teams dos veteranos, sendo prefeito do 1º grupo dos Médios e ainda Presidente da Congregação Mariana, não podia deixar de notar que suas possibilidades eram mais que favoráveis. A cada um que lhe dizia: "No ano que vem, quando você fôr Capitão", ou "você terá que endireitar isto ou aquilo, o ano que vem", ou coisa semelhante, Desmond era grato, por mais vigorosamente que protestasse. Mas êle enguliu a decepção calmamente.

"Fui bem feliz que ainda peguei um posto de prefeito, homem!" disse êle a Brendan. "Em todo caso, não teria tido uma só possibilidade contra você; além do mais, aquele desgraçado tipo do serviço de passaportes proporcionou-me três dias bem bonitos em Paris".

Falando com P. Daniel, mostrou-se igualmente muito bem disposto. Tivera, disse, férias esplêndidas e esperava que o ano fosse esplêndido também.

"Tomarei minha desforra do Colégio Sto. Anselmo; duas derrotas devem ser apagadas; mas meter-lhes-emos o pé encima, êste ano".

Realmente, nos primeiros poucos dias, Desmond gostou de sua situação. Gostava da maneira pela qual todos mostraram que êle deveria ter sido o Capitão. Gostava de mostrar que sabia como um homem se porta em frente a uma decepção. Sentiu satisfação em notar que todos admiraram seu heróico bom humor, sua completa recusa de representar a inocência perseguida. E, primeiro, êle cuidava de não se colocar frente a frente com a sua real decepção. Foi como uma lambada recebida no ardor do combate; é apenas notada. Mas tanto mais doe nos dias subsequentes.

Foi Mat M'Donnell, com seu malicioso modo de arranjar dificulda-

des, que, pela primeira vez, fez Desmond trair o quanto estava magoado em realidade. Desmond estava trabalhando em seu quarto (os Prefeitos em S. Xavier gozavam o privilégio de quartos particulares), quando Mat bateu à porta.

"Há alguma cousa que quero dizer-lhe em particular", começou.

Desmond fechou o livro com um sentimento de ligeiramente grata surpresa. Êle e Mat nunca foram íntimos. Convidou para que o outro se sentasse na sua melhor cadeira.

"Solte o tiro", pediu cordialmente.

"Artes de tudo", começou Mat com grande agitação, "quero dizer que o que vou contar, é absoluto segredo. O Leão havia de engulir-me se soubesse que eu tinha feito revelações a quem quer que fosse". Depois, sem dar tempo a Desmond para responder, continuou inconsequentemente: "Você sabe naturalmente como cada um, mas mesmo todos nós estamos descontentes que você não seja Capitão — com excepção talvez de O'Reilly"?

"Ah, mas isto é bobagem", replicou Desmond depressa. "Acho que posso dizer que teria feito pobre figura como Capitão. Em todo caso, não teria tido possibilidade alguma de ser eleito", acrescentou fracamente.

Mat contemplou êste super-moderado herói durante um segundo, ficando calado o tempo justo para emprestar o peso necessário ao que ia dizer.

"Na realidade", disse êle lentamente, "você estaria eleito, apesar do modo estúpido com que êste burro O'Reilly propôs sua candidatura. Você estaria eleito com sessenta e tantos votos pelo menos. E agora êle prosea como Capitão da Casa os vinte e um votos dêle, que é o apóio de uma súcia de nada, que são vinte e mais êle mesmo".

Desmond ficou surpreso e talvez um pouco lisonjeado pela amargura do tom de M'Donnell.

"Como sabe você tudo isto?" perguntou.

"Ajudei a contar os votos", retrucou Mat. "Posso dizer-lhe: fiquei positivamente doente ao ver o Leão pôr de lado todos os seus votos como "anulados". E posso reconhecer a letra de um camarada, quando fui colega de aula dêle durante anos". (Brendan e Mat estavam na mesma classe). "Seja como fôr, pensei que você deveria saber que queria a você e ninguém mais como Capitão, e por isto vim agora".

"Muitíssimo agradecido, meu velho", fez Desmond. "Devo dizer que tudo isto é lisonjeiro; mas aposto que êles votaram sòmente desta forma para acabar com esta maluca regra contra a eleição "in absentia".

Conversaram amigavelmente antes de Mat se retirar; mas, quando a porta se fechou atrás dêle, estava na mente latejante de Desmond o pensamento: "Se me tivessem feito justiça, eu seria Capitão de S. Xavier".

(Continúa)